

Funaro acha que Brasil não pode sair da crise sem ajuda de todos

SILVIA FARIA
Enviada Especial

LONDRES — Os Bancos não podem exigir que o Brasil saia da crise sozinho. Vamos dividir responsabilidades: cada um paga uma parte. Com esta declaração, o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, definiu como o Governo brasileiro espera resolver o problema do pagamento da dívida externa. Ele confirmou que a capitalização dos juros - incluir no principal da dívida parte dos juros que seriam pagos neste ano - é uma proposta que está na mesa. E explicou que sua estratégia é obter apoio dos governos dos países credores do Brasil para, partir daí, sensibilizar os bancos. Funaro quer que a ajuda necessária ao Brasil venha na forma de financiamentos de agências oficiais de crédito, como os Eximbanks

(bancos de exportação e importação), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bid), Banco Mundial, etc, e dos bancos comerciais, uma divisão de responsabilidades pela crise gerada no Brasil, com o esforço para o pagamento dos encargos da dívida externa.

— Há quatro anos que os Eximbanks não emprestam nada ao Brasil. Há três anos, o Bid quer aumentar seu capital para expandir os financiamentos e os Estados Unidos não deixam, o Clube de Paris (que reúne os credores oficiais) também suspendeu qualquer tipo de ajuda ao país há anos - reclamou o ministro, para ilustrar a inexistência de participação dos governos credores. Ele acha que depois da suspensão do pagamento dos juros, decidida pelo Governo brasileiro, a discussão tem feito as autoridades entenderem que

participaram pouco para solucionar a crise brasileira.

Funaro acredita que, embora nenhuma destas autoridades com as quais esteve nos EUA e em Londres tenha manifestado apoio ao Brasil, está havendo compreensão e interesse em entender os motivos brasileiros. A intransigência dos ingleses com relação ao Brasil foi manifestada pelo Ministro da Fazenda da Inglaterra, Nigel Lawson, quando mencionou a necessidade de o País recorrer ao FMI, para financiar seus débitos, durante encontro com o Ministro brasileiro ontem. Funaro, no entanto, foi taxativo: "O País se reserva o direito de não submeter-se ao Fundo para não sacrificar a população. O Brasil não vai fazer nenhuma política para gerar superávits. Vamos ter um saldo comercial de cerca de US\$ 8 bilhões e o resto tem que ser financiado pelo sistema

financeiro (bancos oficiais, privados e novos investimentos estrangeiros)".

Ao terminar uma série de contactos, que ainda serão feitos na Alemanha, Suíça, Itália e França, Funaro retornará ao Brasil para dar início a negociação junto a bancos comerciais. "Começamos pelos governos, porque essa é uma negociação política, onde queremos que as nações participem dando o apoio necessário ao entendimento com os credores", disse o Ministro.

Ontem ele esteve em Londres, à tarde, com o Ministro das Relações Exteriores, Sir Geoffrey Howe, e o Presidente do Banco da Inglaterra, Robin Leigh, a quem repetiu os mesmos argumentos já defendidos junto ao Ministro da Inglaterra, que é o mais importante, dentro do governo, das três autoridades.